

## Consensual

Enquanto visitava esta exposição de homenagem com uma menina de onze anos que não é portuguesa mas lê português, ela perguntou-me se aquele senhor da fotografia à entrada se chamava mesmo Cenografia. E eu respondi-lhe que sim. Posso ter-lhe dito uma grande verdade.

A exposição *O meu nome é cenografia* inclui mais de trezentos desenhos que deram origem a cenários. Nuns casos, o resultado final foi em grande medida ao encontro desses primeiros esboços; noutros, as tais fortalezas efémeras a que chamamos 'cenários' ganharam formas inesperadas, como quase sempre que se constrói um espectáculo. Conheço alguns exemplos — proporcionalmente, muito poucos, tendo em conta a amplitude da obra de Castanheira. Para a nossa Companhia realizou 22 cenografias.

Tive o gosto de acompanhar de perto a montagem desta exposição, tendo descoberto a forma como cada um daqueles desenhos, daqueles cenários, entreabre uma janela sobre o teatro português dos últimos 49 anos. Trata-se de um acervo gráfico que desperta na memória deste cenógrafo um conjunto de histórias do teatro que fazem parte da História do Teatro. Se não lhes prestarmos a atenção devida, como havemos de saber quem somos ou, como se perguntou Saramago, que nome temos? José Manuel Castanheira já organizara conosco várias exposições de homenagem: Rogério de Carvalho, Yvette Centeno, Carlos Avilez, Rui Mendes... E este ano chegou finalmente o momento de o convidarmos para organizar sua própria — à beira dos 50 anos de carreira.

Os artistas que homenageamos têm carreiras consensuais. Realmente, alguém tem ainda dúvidas de que o Castanheira se chame mesmo Cenografia?

Rodrigo Francisco

# José Manuel Castanheira: a homenagem

São mais de três centenas de desenhos dispostos num fundo azul. Um percurso de quase cinquenta anos. *O meu nome é cenografia*, de José Manuel Castanheira (JMC), é a exposição que nos acolhe na Escola D. António da Costa: "O desenho à mão foi sempre uma constante. Uma obsessão pelo esboço, pelos blocos, lápis e canetas. A casa inundou-se de cadernos repletos de pequenos mapas imprecisos; esboços de uma gramática particular que anseiam fazer parte de outras histórias e deixarem de ser só meus. O desenho que me ensina a ler, a mostrar, a organizar as ideias, que são muitas".

A exposição começa com um desenho inspirado n'As três irmãs de Anton Tchecov, um espectáculo de 1977 feito pelo Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria numa encenação de Rogério de Carvalho, desde aí um dos maiores cúmplices da linguagem deste cenógrafo. Todas estas ideias ganharam uma terceira dimensão nos palcos de Portugal e do Mundo. Três ilhas no centro da sala azul estão preenchidas com vídeos de produções em Portugal e nos quase vinte países onde o cenógrafo e professor trabalhou ou ensinou.

JMC é um cenógrafo com projecção internacional. Teve direito a uma retrospectiva em nome próprio no Centro Georges Pompidou, em Paris (1993). É longa e frutífera a ligação de JMC à CTA, desde que em 1986 aqui encenou *A menina Júlia* de Strindberg. Nas últimas edições, o homenageado deste ano concebeu as exposições dedicadas aos vários homenageados do Festival. Escreveu Castanheira num dos seus livros: "Em cada espectáculo existe o depósito total da vida e um enorme risco a correr". E é isso que nos emociona sempre que vemos os seus trabalhos. Não há acasos; há soluções cenográficas que o texto invade e que os actores



*O meu nome é cenografia* está patente até ao fim desta edição do Festival



habitam, como nos diz um poema de Ruy Belo: "Terei casa onde reter tudo isto / ou serei sempre somente esta instabilidade"?

Mais abaixo, quase colada ao Palco Grande, outra casa: *A nudez do cenógrafo e a perplexidade do espectador*. O quarto principal é um vídeo: *O Sonho de J*. O protagonista é um cenógrafo rodeado de anjos cansados que carregam outros anjos. Explica JMC: "O cenógrafo, que está fora de campo, deambula pelos seus lugares de voyeur, portas entreabertas, biombo, clarabóias e postigos, recantos esquecidos ou tapumes". Atravessa ruínas à procura de ideias: "Exausto, senta-se na pedra da paciência".

Rui Lagartinho

## Marco Martins na Esplanada

Marco Martins, autor e encenador de *Selvagem*, que este fim-de-semana esteve em cena no Teatro Municipal Joaquim Benite, vai estar amanhã à conversa com a crítica de teatro Helena Simões. O espectáculo reflecte sobre o diálogo e mistério que as máscaras ancestrais escondem ainda hoje, na sociedade digital em que vivemos. Os Colóquios na Esplanada, sempre às 18 horas, são organizados em colaboração com a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro.

# Uma história trágica (ou cómica)

“**A** forma de derrotarmos o adversário é rirmo-nos dele”. Esta frase é do escritor e dramaturgo húngaro George Tabori (1914-2007) e, de acordo com o actor Pedro Carraca, que encarna em palco o próprio autor, resume bem o seu teatro. E esse aspecto é bem visível na peça *A coragem da minha mãe*, que os Artistas Unidos trazem este ano ao Festival.

Elsa Tabori, mãe do autor, foi detida em Budapeste no Verão de 1944, tendo de imediato sido metida num comboio a caminho de Auschwitz com mais quatro mil

judeus. Na fronteira com a Hungria, convence um oficial alemão de que a sua prisão é ilegal, visto ter em sua posse um passaporte da Cruz Vermelha que a protege — embora se tenha esquecido dele em casa. O alemão acredita nela e envia-a de volta a Budapeste, onde consegue sobreviver à guerra, escondendo-se. Morre em Londres, em 1958.

Encorajada pelo filho, Elsa acaba — embora de forma relutante — por escrever o relato da sua fuga. Nos anos sessenta o escritor transforma-o num conto e mais tarde, já no final dos anos seten-

ta, numa peça. Tabori admitiu ter acrescentado e inventado alguns aspectos, mas foi afirmando que tanto o conto como a peça eram largamente baseados no relato da sua mãe, e a sua mãe — ao contrário dele — nunca mentia.

“A peça consiste num jogo de pingue-pongue. O jovem Tabori vai fazendo o seu relato, enquanto a mãe, em fundo, com pequenos trejeitos e apartes, vai desconstruindo o discurso do filho, dando a entender que, se calhar, as coisas não se passaram bem assim. É um humor refinado e cínico”, afirma Pedro Carraca.



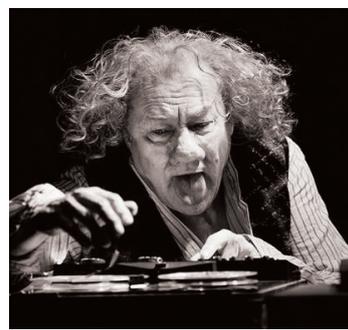
Antónia Terrinha interpreta a mãe de Tabori

## MEU FESTIVAL

### Ouvir Beckett na voz de Krapp

**D**esde 2011, todos os anos, em Julho, 'devoro' o banquete que a CTA oferece a quem ama o teatro. Nestes dez anos assisti a cerca de 200 espectáculos de criadores de várias gerações e diferentes linguagens. Decidir o melhor foi difícil, e até cruel, perante a qualidade do catálogo. A escolha final veio de uma vintena de magníficos. E o vencedor foi *A última gravação de Krapp*, o famoso monólogo de Samuel Beckett na fria e angustiada encenação de

Peter Stein (32.º Festival, 2013). No começo estamos no aniversário dos 69 anos de Krapp. Iluminado por uma luz crua, o velho está sentado numa mesa esquelética com um gravador e uma série de bobines com fitas gravadas. Krapp ouve a gravação que fez quando tinha 39 anos, com uma voz macia e melíflua, e faz um novo registo comentando os últimos 12 meses, já com voz de cana rachada. Uma ária a duas vozes sobre a meia idade e a decrepitude. Krapp, ébrio, come bananas, desfia uma catadupa de memórias. Entre elas, a lembrança de, quando deitados num barco, perguntou a uma jovem como é que ela tinha feito um arranhão na coxa... Recordação erótica, ao estilo de James Joyce. As-



Klaus Maria Brandauer: avassalador

sisti hipnotizado à extraordinária actuação do estelar Klaus Maria Brandauer, misto de sonâmbulo e palhaço desesperado, servindo Beckett ao nível dos mais ilustres antecessores. Teatro avassalador. | **José Luís Carneiro de Moura, médico, 84 anos**

## Um Verão diferente

**M**aria Costa e Constança Peyroteo estão a viver um Verão diferente. Escolheram vir fazer o estágio curricular da Licenciatura da Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha no Festival de Almada. Para Maria, a experiência surpreendeu-a: “Está a ser muito melhor do que aquilo que eu estava à espera. Pensava que ia ser um burro de carga e passar a vida a fazer recados. Afinal, é mesmo um estágio a sério. O ambiente é bom, e toda a gente se dá razoavelmente bem. Podemos

dizer o que quisermos, sem constrangimentos. Não há patrões”. Constança nem se importa de ser a miúda dos recados: “É natural que ande de um lado para o outro, visto que tenho carta de condução. É curioso, por exemplo, perceber onde se desencantam certos materiais técnicos, que de repente é necessário encontrar”.

No Festival a tarefa de ambas é ocuparem-se da produção dos concertos e colóquios: “Neste momento estou a tratar de uma banda que teve um problema no carro e vai chegar meia hora atrasada. Estou stressada, mas sei que quando a banda começar a tocar vou relaxar e vai ficar tudo bem”, explica Maria. Sobre os espectáculos, Cons-



Constança Peyroteo e Maria Costa

tança ficou surpreendida com a quantidade de peças estrangeiras que passam pelo Festival: “*Nenhuma ideia* marcou-me muito, esteticamente”. Já a Maria riu do princípio ao fim com *Noite de Reis*: “Não sabia que se podia fazer Shakespeare assim”.

As duas são unânimes: “Está-se bem em Almada”.

## AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | O sentido dos mestres  
**José Manuel Castanheira**  
Casa da Cerca

18:00 | Colóquio  
**Marco Martins**  
Escola D. António da Costa

20:00 | Música  
**Recanto**  
Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro  
**Se eu fosse Nina**  
Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro  
**Eu sou a minha própria mulher**  
Teatro-Estúdio António Assunção

21:30 | Teatro  
**A coragem da minha mãe**  
Incrível Almadense

## RESTAURANTE DA ESPLANADA

**HOJE**  
Favas guisadas  
Dourada no forno

**AMANHÃ**  
Frango com maçã reineta  
Caril de lulas com banana